



ISSN 1984-5634

A PANDEMIA DE COVID-19 SOB A PERSPECTIVA DE TYPÁ, ESTUDANTE INDÍGENA DO POVO BARÉ

The Covid-19 pandemic from the perspective of Typa, indigenous student from the Baré People

TYPÁ

MANUELA PERONDI PAVONI¹

ALICIA QUINHONES MEDEIROS²

RESUMO

A presente entrevista foi realizada com a estudante de medicina da UFRGS, Typa, indígena do Povo Baré, do estado do Amazonas. Integra o acervo de entrevistas do projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, que tem como principal intuito criar um acervo a respeito das mais variadas experiências em relação à pandemia no estado. Typa foi entrevistada em maio de 2022 e relatou aspectos de sua infância, sua chegada ao Rio Grande do Sul com os dois filhos, o período da pandemia em que viveu em uma comunidade Kaingang no interior do estado, a volta para o Amazonas para cuidar de sua mãe que havia sido contaminada com o coronavírus, as dificuldades com o ensino remoto, faz denúncias sobre a falta de estrutura e acesso ao sistema de saúde nas comunidades indígenas, o negacionismo e o incentivo ao uso do "kit covid", a conquista da Casa do Estudante Indígena na UFRGS, etc. Uma narrativa que expressa um cotidiano repleto de lutas, afetos, a vida em comunidade, a valorização dos territórios, da ancestralidade e da oralidade que resiste apesar dos grandes desafios.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia de covid-19; povos indígenas; história oral.

EDITORIA-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

SUBMETIDO: 28/07/2023

ACEITO: 10/10/2023

COMO CITAR:

PAVONI, M. P.; MEDEIROS, A. Q. A pandemia de Covid-19 sob a perspectiva de Typa, estudante indígena do Povo Baré. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 538-562, dez.-mar., 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos>

¹ Mestranda em História na UFRGS. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4226-3374>. E-mail: manupavoni@hotmail.com

² Mestra em História na UFRGS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9249-0606>. E-mail: aliciaquinhones@gmail.com

Era maio de 2022 quando Typa concedeu a entrevista que veremos nas próximas páginas, uma parte no início e a outra no final do mês. Naquele momento, mais de 600 mil brasileiros(as) haviam falecido em decorrência das complicações causadas pelo coronavírus e, por outro lado, mais de 170 milhões já estavam imunizados(as) com pelo menos uma dose da vacina, segundo dados do consórcio de veículos de imprensa³.

A entrevista foi realizada pelas pesquisadoras Manuela Perondi Pavoni e Alícia Quinhones Medeiros como uma atividade da disciplina do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) chamada “História oral, desafios do tempo presente” e, na sequência, integrada ao projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, ambas atividades sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero.

O projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul se insere em um conjunto de iniciativas no Brasil e no mundo realizadas por pesquisadores(as) preocupados(as) em documentar um período muito singular da história⁴. Tem como principais objetivos o recolhimento, a catalogação, disponibilização e a análise de fontes sobre o cotidiano e a experiência subjetiva no contexto da pandemia no estado⁵. Trata-se de uma proposta interdisciplinar e interinstitucional por acionar discussões teóricas e metodológicas da Arquivologia e da História e por ser executada em 15 instituições⁶. O projeto tem duas abordagens distintas: a primeira consiste no preenchimento de um formulário online aberto ao público em geral e a segunda na realização de entrevistas de História Oral.

Cada uma das instituições determinou um público alvo para entrevistar. Um roteiro em comum foi criado procurando abordar os diversos aspectos em que a pandemia da COVID-19 poderia ter afetado a vida das pessoas, desde a contaminação e o contato mais próximo com o vírus, a perda de familiares, os danos às relações interpessoais, a situação financeira familiar, problemas psicológicos, até os pontos mais amplos, como a opinião sobre a atuação das autoridades. Conforme o público escolhido, o roteiro poderia conter perguntas específicas e no decorrer da entrevista outras

³ O Consórcio de Veículos de Imprensa foi uma parceria estabelecida entre os maiores veículos de imprensa brasileiros durante junho de 2020 e janeiro de 2023, tendo como objetivo principal informar os dados sobre pandemia no Brasil. Essa parceria aconteceu devido à restrição que o Ministério da Saúde colocou na divulgação dos dados de números de casos e óbitos decorrentes de Covid-19. Ver: G1 SP, 2023.

⁴ Iniciativas no Brasil foram mapeadas pelo projeto “Coronarquivo” (IFCH - Unicamp). Ver: Coronarquivo, 2023. Iniciativas no mundo foram mapeadas pela Federação Internacional de História Pública (The International Federation for Public History). Ver: Mapping Public History Projects about COVID 19, 2020. Cabe também mencionar a elaboração de dossiês que tem como proposta debater questões que envolvem a pandemia de Covid-19. No campo da História, destacamos o dossiê da Revista Semina, intitulado “História e historiadores em tempos de pandemia” organizado por Bruno César Pereira e Vania Vaz na Revista Semina, publicado em 2021. O dossiê, partindo da contribuição das Ciências Humanas e Sociais, tem por objetivo “agrupar investigações que problematizassem temas tradicionais dos estudos em História, como: saúde, doenças, pandemias e suas implicações em instituições e no cotidiano, as políticas de saúde e os contextos sócio-políticos e educacionais na contemporaneidade.”

⁵ Do ponto de vista da análise das fontes, o projeto já publicou um livro: RODEGHERO, Carla S.; ALVEZ, Clarissa S.; WEIMER, Rodrigo de A. *História oral da Covid-19: Reflexões desde o Rio Grande do Sul*. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

⁶ Para mais informações sobre o projeto, veja o site do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, no link a seguir: < <https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs> >. Acesso em: 26 jul. 2023.

ainda poderiam ser incluídas. Dessa forma, caracteriza-se o tipo de entrevista semi estruturada, juntamente com a noção de “autoridade compartilhada”, em que o processo de produção de conhecimento se dá na interação dialógica entre o(a) pesquisador(a) e seu público (Frisch, 1990). Conceito bastante adequado às pesquisas que relacionam a História Oral e a História Pública. O projeto ainda mobiliza questões dos campos da História do Tempo Presente e da História Digital. Especificamente na História Oral, são tidos como algumas das principais referências os pesquisadores Alessandro Portelli e Verena Alberti, que, entre outros aspectos, entendem o campo como uma importante ferramenta para o estudo da história contemporânea em que a memória, a narrativa e a subjetividade ganham destaque.

O grupo que desenvolveu a pesquisa na UFRGS decidiu entrevistar alunos de baixa renda, procurando alcançar uma amostragem plural, seja de gênero, raça, cursos, idades, partes do estado em que cada pessoa estava, etc. As entrevistas eram realizadas em formato virtual, geralmente com dois (duas) entrevistadores(as) que eram guiados(as) pelo roteiro pré-definido. Ao longo dos meses e com a mudança de cenário, novos assuntos foram abordados como, por exemplo, o ensino remoto introduzido nas universidades, a flexibilização no uso de máscaras e a expectativa em relação à vacina. Percebeu-se também a possibilidade de conversar e registrar as experiências sobre o ingresso e permanência desses (as) estudantes na universidade, considerando o interesse de outra pesquisa desenvolvida no REPHO - Repositório de Entrevistas de História Oral/UFRGS, local onde estão armazenadas as entrevistas de ambos projetos⁷.

Uma das preocupações quanto à pluralidade das entrevistas era a inclusão de experiências indígenas. Dessa forma, o acervo conta com três entrevistas com estudantes indígenas. Foram entrevistados um indígena Kaingang, estudante de Direito; um indígena Guarani, estudante de História e uma indígena Baré, estudante de Medicina. Todos os relatos são riquíssimos do ponto de vista das experiências individuais e, principalmente, coletivas, geralmente em destaque. Mesmo que de diferentes etnias e regiões, as violências e o descaso, já recorrentes, e intensificados na pandemia, estão presentes nas três narrativas, assim como, a dificuldade e a tristeza em não poder exercer seus modos coletivos de vida.

Para o presente dossiê apresentamos a entrevista com Typa, jovem indígena do Povo Baré de 29 anos, do estado do Amazonas, estudante de Medicina da UFRGS e mãe de duas crianças. Desde o início, ela declarou que gostaria de ser identificada com seu nome indígena. Ao acatarmos sua decisão e também por a entendermos como uma escolha política, manteremos esse padrão quanto à presente publicação, estendendo sua decisão para o nome de outros familiares citados ao longo da

⁷ Tanto as entrevistas do projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul quanto do projeto Ingresso e Permanência de Estudantes Cotistas na UFRGS podem ser acessadas no link a seguir: < <https://www.ufrgs.br/repho/> >. Acesso em: 26 jul. 2023.

entrevista. Cabe aqui dizer que, segundo Typa, todas as etnias possuem algum tipo de ritual que, geralmente, se inicia no início da gestação em que os pais, juntamente com os anciãos, escolhem o nome indígena para a criança que nascerá (para o registro em cartório geralmente é escolhido outro nome). Essa escolha pode acontecer através de sonhos, visões, etc. São feitos benzimentos na mãe, na criança, nos lugares que se frequenta, nas comidas e no nascimento também é realizado um ritual de defumação e benzimento.

Iniciamos a entrevista com Typa relatando sua infância e juventude com o Povo Baré, às margens do Rio Negro. As dificuldades de transporte através dos rios e a necessidade de mudar de cidade para estudar a levaram a começar sua “peregrinação”. Typa passou por muitas cidades e estados do Brasil com seus filhos Murutinga e Potira, perseguindo o sonho de estudar algum curso na área da saúde, possuindo como inspiração sua avó, referência por sua vasta sabedoria com tratamentos e uso de ervas para a confecção de remédios caseiros.

Em 2019 foi aprovada em um processo seletivo para cursar Medicina na UFRGS. Logo no ano seguinte, viu sua vida bagunçada pela pandemia. Decidiu ir para o interior do estado com seus filhos passar um tempo em uma comunidade Kaingang, onde se sentiam mais seguros. Esse período foi interrompido pela necessidade de voltar ao Amazonas, pois sua mãe havia se contaminado com o coronavírus e lidava com as sequelas do mesmo. Dessa forma, a partir do relato de Typa, podemos perceber algumas similaridades nas experiências com a pandemia em comunidades indígenas, tanto no Amazonas como no Rio Grande do Sul⁸. Typa faz importantes e graves denúncias do descaso das autoridades com os povos indígenas, a falta de medicamentos, de profissionais de saúde, de estrutura. Mais que o descaso, denuncia a distribuição e incentivo ao uso do “kit covid” e a atuação de outras organizações na formação da opinião de parte das populações indígenas.

Outro tema amplamente explorado por Typa são as dificuldades com o ensino remoto e como isso modificou as relações entre professores (as) e alunos (as). Quando realizamos a entrevista, outra importante mudança havia acabado de acontecer: após muitos anos de espera e tentativas de negociações, o coletivo de estudantes indígenas da UFRGS decidiu ocupar um prédio abandonado

⁸ As pesquisas acerca dos efeitos, culturais e sanitários, da pandemia da covid-19 sobre as populações indígenas do Brasil, receberam destaque em estudos de diferentes áreas, como na Saúde e Humanidades. Sobre a área de conhecimento que dialoga com os estudos históricos, destaque-se o dossiê “Os povos indígenas e a Covid-19”, da Revista Espaço Ameríndio (UFRGS), na área da Antropologia, o qual indicamos para fins de aprofundamento sobre a temática. Segundo os/as organizadores/as: “Os artigos selecionados pela Espaço Ameríndio para este dossiê trazem diferentes abordagens disciplinares sobre variados contextos indígenas no Brasil. A especificidade desses contextos reforça a compreensão de que as experiências locais da pandemia comportam não um único fenômeno homogêneo, mas múltiplas tragédias. Não obstante, o conjunto de textos selecionados denuncia as condições de violência estrutural a que estão submetidos os povos indígenas no Brasil. Também concluem que a violência estrutural potencializa os efeitos da pandemia em cada um dos contextos específicos analisados. Somada à gravidade da crise sanitária, os artigos denunciam a pressão de políticas de governo anti-indígenas no período, uma constatação que causa perplexidade, uma vez que agentes públicos, por omissão ou ação deliberada, promoveram a reprodução de estruturas de dominação, subjugação e aniquilamento que dão continuidade ao genocídio indígena iniciado no colonialismo”. (SCOPEL, NEVES, DIAS-SCOPEL, NEVES, SEGATA, 2021, p. 4).

da prefeitura de Porto Alegre a fim de reivindicar a criação de uma casa exclusiva para os (as) estudantes indígenas. O movimento era pautado por casos de violência e discriminação vivenciados por estudantes indígenas na casa do estudante e, principalmente, pela impossibilidade das mães viverem legalmente com seus (suas) filhos (as) nesse espaço. Felizmente, após quase um mês de ocupação, a pauta foi atendida e Typa nos concedeu a entrevista já na casa nova, espaço onde, segundo ela, agora poderiam gerenciar a organização do lugar e vivenciar sua cultura de forma mais livre e sem medo.

A entrevista é repleta de reflexões que vão muito além das experiências com a pandemia. São denúncias de descaso que se agravaram nesse período, mas que historicamente acompanham essa população. Typa, implicitamente, nos fala sobre a importância da defesa do direito de ser diferente que esses povos têm garantido na Constituição e como isso sempre esteve e ainda está ameaçado. Esse registro dialoga com o presente dossiê temático “Histórias do Brasil em dimensões afro-indígenas”, na medida em que as memórias, relatos e pensamentos de uma jovem indígena do povo Baré, contam uma parte importante da nossa História Contemporânea. Apesar de tantos desafios, podemos perceber muitas estratégias cotidianas de resistência através do afeto, da valorização da ancestralidade, da territorialidade e da vida partilhada em comunidade, nesse caso ainda, com um trânsito em diferentes comunidades e etnias que, mesmo com uma grande diversidade, acolhem seus parentes e partilham suas lutas.

A oralidade é tema central e fundamental para compreender atravessamentos tão complexos nessa narrativa. Typa compartilha conosco sua trajetória em uma narrativa envolvente que fala não somente de sua subjetividade, mas também de um discurso e experiências que são coletivos. A morte de membros dessa comunidade, entende-se não somente como a perda de uma vida, mas também, a perda de conhecimentos que não estão em livros, perda de sabedoria transmitida pela oralidade de geração em geração, de um saber comum. Com isso, convidamos o leitor e a leitora para seguir nas próximas páginas e conhecer mais das perspectivas e dimensões do contexto apresentado acima.

ENTREVISTA DO DIA 02/05/2022

Manuela: *Hoje é dia 2 de maio de 2022 e essa é uma entrevista concedida por Typa, estudante de medicina da UFRGS, indígena do Povo Baré, para as pesquisadoras Manuela Perondi Pavoni e Alícia Quinhones Medeiros, para o projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul,*

*desenvolvido na mesma universidade e como atividade da disciplina do Programa de Pós-Graduação em História chamada “História oral, desafios do tempo presente”.*⁹

Manuela: *Bom, então a gente quer começar nossas perguntas pedindo pra tu te apresentar e contar pra gente porque tu decidiu aceitar conceder essa entrevista.*

Typa: [...] Meu nome é Typa, sou do povo Baré. Um povo que habita várias áreas do norte, porém se concentra mais no estado do Amazonas. Como disse, eu faço Medicina aqui na UFRGS. Eu sou mãe, posso falar isso também, que sou mãe, tenho a Potira e o Murutinga que estão comigo aqui no Rio Grande do Sul. E eu acho que é isso... Aí depois a gente conversa mais.

Manuela: *Certo! Se tu quiser também contar um pouquinho pra gente como é que foi essa tua trajetória até chegar aqui no Rio Grande do Sul... Entrar na UFRGS, como é que foi esse processo, se foi pelo SISU...*

Typa: A minha aldeia, a minha comunidade, como a gente chama na nossa região, é uma comunidade ribeirinha do Rio Negro e lá é bem difícil o acesso à educação. Hoje, na comunidade, tem o ensino médio, mas antes não tinha. Aí tinha que se localizar pra cidade mais próxima pra poder continuar os estudos. E também era uma forma mais simples de percurso, porque da comunidade a gente tinha que ir para outra comunidade maior pra poder ir pra escola. Então, na época, não tinha muito recurso, sabe, motor, que desse pra ir mais rápido. Tinha que ir de canoa remando. Então levava bastante tempo. Daí era uma rotina muito cansativa. Então, meu pai decidiu nos levar pra cidade mais próxima pra poder estudar. Aí lá eu consegui terminar o ensino médio na cidade, no município, São Gabriel da Cachoeira. Não sou natural de lá, mas tive que ir pra lá pra poder estudar. Eu nasci no outro município, nasci na comunidade que pertence ao município de Santa Isabel do Rio Negro, sou natural de lá. Depois que eu terminei o ensino médio, eu não tive a oportunidade de ingressar logo na universidade. Lá, eu lembro que eu cheguei a prestar o vestibular, mas não consegui de imediato entrar. Aí eu fui trabalhar na militância, no movimento indígena. A partir daí que me abriu uma visão mais ampla, que se eu quisesse ajudar meu povo eu teria que sair de lá. Mas foi um processo muito longo que eu amadureci por muitos anos. E eu trabalhava na associação, depois também cheguei a trabalhar em outras áreas, inclusive meu último serviço foi na secretaria de saúde. Daí prestei vestibular, quando o vestibular se expandiu, cheguei a passar em outros vestibulares, cheguei a fazer a matrícula, mas eu não estudei, não cursei porque eu queria

⁹ Todas as entrevistas do projeto foram feitas em formato remoto, considerando a impossibilidade de realizá-las presencialmente em decorrência da pandemia. As entrevistas são iniciadas com a leitura de um cabeçalho que apresenta a data em que está sendo concedida, o (a) entrevistado (a), os (as) entrevistadores (as) e situa o projeto ao qual fará parte. Na sequência, é feita a leitura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Com a dificuldade de coletar a assinatura em uma Carta de Cessão, a gravação da leitura do Termo e as autorizações que o (a) entrevistado (a) faz nesse momento cumprem esse papel.

fazer algum curso da saúde. Daí lá no município tinha alguns cursos a distância, mas não era o que eu queria, que a princípio era Enfermagem. Aí, depois, veio a possibilidade de eu fazer Medicina e tô cursando Medicina. Então, eu tô feliz porque é uma área da saúde que eu sempre me identifiquei. A minha avó faleceu no ano em que eu entrei na UFRGS, ela era uma referência, ela era nossa médica tradicional lá na região, ela era bastante solicitada, ela fez meu parto... Então, ela foi uma das inspirações, ela conhecia muitas ervas pra fazer remédios caseiros, então ela era detentora de muitos conhecimentos. E eu pretendia fazer uma pesquisa com ela, mas infelizmente, ela faleceu. Daí tive que sair de lá, fui morar em São Carlos, interior de São Paulo, fiquei lá alguns anos fazendo cursinho, estudando, me preparando pra vestibular, fiz uma maratona de vestibulares, fazia ENEM, passei pelo ENEM pra Enfermagem. Eu cursei o primeiro semestre de Enfermagem¹⁰. Daí, por questão econômica mesmo, algumas dificuldades financeiras e também pessoais, familiares... Eu tava sentindo necessidade de estar perto do pai dos meus filhos, pra ele poder dividir comigo as responsabilidades, porque tava muito pesado pra mim ficar no Mato Grosso do Sul e ele tava aqui no Rio Grande do Sul. Daí eu acabei cancelando o curso e vindo pra cá. Aí continuei nessa maratona, viajei muito de ônibus, em todas as regiões possíveis. Fiz vestibular em São Carlos, fiz vestibular no Paraná, fiz vestibular em Pelotas, fiz vestibular na Unipampa, fiz vestibular aqui no Rio Grande do Sul... Aonde eu achei que não, apesar de ter me preparado, achei que eu tava preparada, mas como é muito concorrido, eu achei que não ia conseguir ser aprovada, mas felizmente eu consegui a aprovação. Eu fiz o processo específico pra candidatas indígenas pela UFRGS e consegui uma pontuação que... uma das melhores pontuações que eu consegui e consegui entrar pra Medicina. Então foi uma coisa assim muito... que eu não tava esperando! Tanto é que eu fiz o vestibular e eu não fui buscar o resultado (risos). Foram outras pessoas que me falaram que eu tinha conseguido passar. Então foi bem assim que aconteceu... E eu acho que é isso, não sei se eu fugi um pouco, mas eu contei... tentei resumir o máximo possível da minha trajetória.

Manuela: *Tá ótimo, excelente! Só uma pergunta bem pontual... qual foi o ano que tu passou?*

Typa: Eu entrei em 2019.

Alicia: *Agora a gente vai entrar um pouquinho mais com as questões sobre a pandemia da covid. Então, você ou alguma pessoa próxima, familiar ou amigo ou colega testou positivo pra covid? E daí tu poderia relatar um pouquinho a experiência sobre se alguém testou positivo, como é que foi essa questão.*

¹⁰ Typa residiu por alguns anos em São Carlos enquanto fazia cursinho pré-vestibular. Passou no curso de enfermagem em uma universidade no Mato Grosso do Sul. Typa não chegou a concluir o primeiro semestre do curso.

Typa: Sim... Então, logo com o início da pandemia, eu lembro que as aulas iniciaram presenciais, aí depois de uma semana parou tudo. Eu tava na casa do estudante com os meus dois filhos, a Potira e o Murutinga e, aí todos os alunos, os amigos, aqui do Rio Grande do Sul, estavam indo pra aldeia. Daí a Re Kaingang, que ela tava se formando até já naquele ano, ela me convidou pra ir pra Nonoai, pra ir pra uma aldeia aqui no Rio Grande do Sul. Aí eu pensei assim: "vou ficar trancada dentro do quarto, então eu vou". Aí nós fomos com ela porque o filhinho dela, o Gustavo Kafág, ele estudava junto com o meu filho, daí criaram uma amizade, a gente tava bem próximo. Aí nós arrumamos tudo que tinha lá e fizemos a mala, pegamos o ônibus e fomos pra aldeia, ficamos lá, já com o isolamento. Assim, de fato, lá a gente tava protegido. Tanto é que a gente logo de início não testou pra covid. Eu fiquei lá, eu acho que eu fiquei lá uns meses. Aí como a internet não ajudava muito, sabe?! Eu não conseguia acompanhar as aulas online, daí a gente acabou indo pro município ali onde o pai dos meus filhos mora e estuda medicina também, na Unipampa, que fica em Uruguaiana. Aí nós fomos pra lá e ficamos no isolamento. Mas de lá a gente tava acompanhando como que tava sendo, dentro das comunidades, tanto lá do Amazonas como aqui do Rio Grande do Sul. Só que chegou né? Porque lá em Nonoai, tinha muitas pessoas que trabalhavam fora, então eles traziam pra família e quando tinha encontros comunitários, porque na nossa prática tradicional a gente se reúne muito, então a gente... Acabou contaminando várias famílias, a gente meio que perdeu o controle. E isso não foi diferente em outras comunidades, tanto aqui do Rio Grande do Sul como lá do Amazonas, sabe? Se espalhou muito rapidamente... E uma das coisas assim, tristes, que a gente comenta, que a gente teve muita perda, sabe?! A gente não teve só perda familiar, a gente teve uma perda de conhecimentos, porque os nossos *kunhas*, eles detêm o conhecimento que não tá nos livros, que não tá guardado, tá com eles!¹¹ Então, se eles morrem, morre tudo junto com eles. Então a gente teve uma perda irreparável nessa pandemia. A gente teve dificuldade de acessar atendimento dentro das aldeias. Não tinha como dar apoio pras comunidades e, nas comunidades, um meio, uma alternativa que eles acharam foi de estar fazendo seus próprios remédios, utilizando algumas ervas pra tratar covid, e seguindo alguns protocolos e algumas orientações que eram passadas pela equipe que fazia a visita às comunidades. Então, foi tipo uma força tarefa que as lideranças, associações fizeram pra dar apoio às comunidades. Mas essa questão da pandemia é histórico já, até pros povos indígenas, que muitas pandemias que aconteceram, elas dizimaram muitos povos, e assim não foi diferente nessa pandemia. Além da gente perder os nossos mais velhos, detentores de todos os conhecimentos e saberes tradicionais, teve povos que basicamente foram dizimados. Tinha povos que tinham só dois, eu acho, só dois integrantes, que acabaram falecendo. Então a etnia não existe mais agora, eu não lembro bem qual o nome da etnia, mas teve uma etnia que acabou com a

¹¹ *Kunha* para o Povo Baré significa líder/guia espiritual. Na língua Tupi também pode significar mulher.

pandemia¹². E isso foi, digamos assim, ela foi mais intensa em lugares de difícil acesso, como é lá no Amazonas. Porque lá não se pega o transporte como aqui no sul pra fazer o atendimento. Lá se pega um motor de popa [inaudível] e se viaja por dias pra poder ter acesso às comunidades. Então se... a pandemia, ela chegou de um jeito muito rápido, que perdeu o controle, não teve como controlar. Eu lembro que, quando chegou na comunidade lá dos meus pais, tava dando um resfriado, uma gripe bastante forte... Aí quando eu falava com os meus familiares, eles falavam assim: "ah, covid ainda não chegou por aqui, mas tá tendo uma gripe muito forte". E já era covid. Uma gripe forte era covid! E eu temia isso, sabe?! Eu falei assim: "vocês têm que ver se essa gripe forte não é a covid que já tá aí..." E era covid! E a covid assim, pegou numa pessoa, dificilmente não vai pegar em outra, porque o relacionamento é coletivo, não permite que a pessoa fique isolada. Ela pode tentar, mas quando se descobria que tava [falha] ... contaminava todo mundo praticamente. Assim, poucos casos que se agravaram, mas teve pessoas que ficaram muito mal, que ficaram com sequelas. Uma dessas pessoas é a minha mãe. A minha mãe ficou 8 meses enferma. Ela tinha dificuldade até de andar. De início ela foi tratada em casa, depois tentaram levar ela pro hospital, ela ficou um período lá, mas bem pouco. Depois ela voltou pra casa e foi tratada dessa forma, com chá, com remédios caseiros... E assim ela se recuperou. Por conta da minha mãe estar precisando de cuidados maiores, fazia 5 anos que eu não ia pro Amazonas, aí a gente acabou indo pra acompanhar a minha mãe. Aí eu fiquei lá, fiquei quase dois meses, fiquei lá no Amazonas... Aí depois eu tive que retornar porque lá também, na aldeia, é a mesma situação que em Nonoai, a questão da internet não pega bem e dificulta alguns trabalhos que são feitos, acompanhar as aulas, pra acompanhar os trabalhos, fica bem difícil. Daí eu tive que retornar logo também. Então, a pandemia de uma forma geral ela atingiu até os nossos isolados, eu acredito, porque não teve como controlar a pandemia nas comunidades. Se a nossa realidade no Brasil foi desastrosa, pra gente, digamos, que foi o triplo. Porque a gente teve várias perdas, não só de vidas, como eu bem coloquei, a gente teve perdas culturais, saberes, que são importantes pra gente manter a nossa cultura, que a gente tá em um processo de reconstrução, de resgate de muitas coisas que foram banidas da nossa cultura, onde a gente sempre tenta levar o que sobrou das nossas tradições, porque ela foi apagada, apesar de a gente ver que tem muitas coisas da cultura brasileira, que formam a cultura brasileira, que vem da cultura indígena. Só que isso me parece que não fica muito claro, tanto na região do Rio Grande do Sul, como nas demais regiões. Me parece que sempre as populações tradicionais, indígenas, elas são sempre invisibilizadas. A gente percebe que quando tem alguma, digamos, alguma coisa assim, positiva, então que é de se

¹² A morte do ancião Aruká Juma, em decorrência das sequelas da Covid-19, foi associada à extinção da etnia Juma que se localizava no sul do Amazonas. Arujá era o último homem do povo Juma, deixou 3 filhas que são casadas com indígenas da etnia Uru-eu-wau-wau. A notícia de sua morte foi amplamente noticiada por veículos de comunicação brasileiros e estrangeiros como os jornais El País, New York Times e BBC. Entre indígenas da região se lamentou a morte desse ancião de quase 90 anos, que consigo levou maneiras de viver, caçar, fazer artesanato, memórias que deixam de existir.

orgulhar ou é de se falar mais sobre, de estar mais presente na nossa sociedade, ela é invisibilizada. A questão da cultura indígena, se tu for ver, ela não é trabalhada nas escolas, apesar de ter uma lei que assegura que essas populações sejam incluídas na grade curricular, escolar¹³. Você pega um livro de história, você não vê, de fato, no livro de história o que são, o que as populações tradicionais contribuíram pro Brasil, você não vê. Mas a gente hoje sabe que essas populações tradicionais foram determinantes pra que se explorasse, pra que se formasse o Brasil. Então, por isso que a gente agora, a gente entende que o nosso papel, enquanto universitários indígenas, a gente precisa falar mais sobre a nossa cultura, porque pouco se sabe o que é ser indígena. Índio não, porque eu acredito que não existe índio. Índio é um termo pejorativo e tem muitas palavras que foram, que são aplicadas, na verdade, às populações indígenas que, no meu ponto de vista, é errôneo. Ela é muito pejorativa, estereotipada. A questão de dizer que por eu ser indígena, do povo Baré, eu estar cursando medicina e estar morando na zona urbana, é dizer que eu não sou uma indígena aculturada. Eu acredito que outras etnias, outras populações, que saem do seu território, elas não perdem sua cultura, elas não perdem sua essência. O que me faz ser Baré não é um cocar ou uma tanga. O que me faz ser Baré, tem toda uma ancestralidade, tem todo um contexto espiritual que eu vou levar comigo, a gente vai se remoldando como qualquer outra cultura. Mas a gente não perde a nossa essência. A gente busca manter as nossas tradições, a gente leva com a gente e vai passando pros nossos filhos e vai trocando como a gente troca aqui com os nossos irmãos Kaingangs, Charruas, Xokleng que a gente tem convívio. Então, assim, eu acredito que é necessário falar mais sobre as culturas indígenas. É necessário dizer pra sociedade que não existe índio no Brasil. Existe o Baré, existe o Kaingang, existe o Guarani, existe o Charrua, existe uma diversidade, uma riqueza de povos que, se tu for ver, a gente tem uma diversidade enorme de conhecimentos, de tradições que esses povos trazem juntos, tem muitas coisas que a gente percebe que são coisas similares, mas cada povo tem suas especificidades, seu modo diferente, não são iguais. Então, tem essa troca. E essa troca antes já tinha porque os nossos antepassados habitavam o Brasil todo, faziam um trajeto e isso era de anos e anos. Então, eles ocupavam todo o território brasileiro e hoje isso está acontecendo de novo. A gente sabe que tem vários povos em diferentes territórios e que levam consigo sua cultura e têm essa troca onde quer que ele esteja, ele mantém sua cultura, ele continua a sua essência. Eu acho que é isso...

Manuela: *Tá ótimo! Eu queria te perguntar... Eu não me lembro exatamente quando foi, mas foi em Manaus que a pandemia estourou com força. O Brasil todo acompanhou o caos no sistema de saúde do Amazonas e tem algumas denúncias sobre o uso do “kit covid”, principalmente com populações*

¹³ Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino (fundamental e médio, público e privado) a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

indígenas do Amazonas, e acho que aqui no Rio Grande do Sul também aconteceu. Então, eu queria saber se tu tem alguma coisa pra falar, pra relatar sobre isso.

Typa: Sim, essa questão do “kit covid” foi um dos problemas que fez com que se agravasse mais a covid. Porque, como isso foi provado, o “kit covid” não tem nada assim cientificamente... então, isso atrapalhou muito também. E, de fato, o “kit covid” até hoje acredito que está sendo prescrito pras comunidades. E aquela questão de que, quando tu tá num lugar onde você não tem recurso, que é, posso falar do estado do Amazonas, onde se agravou, quando você não tem recurso, você vai usar o que te derem. Se o médico fala pra você que aquele kit funciona, você vai tomar. Você não vai questionar em momento nenhum. Eu sei de médicos, inclusive indígenas, que estão receitando o “kit covid”. É triste porque não tem nada comprovado, aliás, já se comprovou que é ineficaz. Mas, infelizmente, esse kit foi um dos desastres, digamos assim, que aconteceu durante a pandemia. Não é toa que a gente chegou a mais de 600 mil óbitos!¹⁴ E isso aconteceu, aconteceu e acontece, porque a gente ainda tá na... acredito que no finalzinho, mas a gente ainda tá convivendo com a covid. Inclusive, aqui na casa tem uma amiga que tá positivada pra covid. Então, foi um desastre, desastre mesmo... azitromicina, além de outros medicamentos também que foram receitados. E acredito que, como sempre, eles utilizam os povos indígenas como cobaia. Então, como não tem uma fiscalização, você meio que perde isso e deixa passar porque a gente não tem na comunidade alguém que entenda sobre, não tem um farmacêutico na comunidade, não tem alguém que tá orientando. O que é mais triste de tudo isso é que o médico receita e ainda pede pra tu assinar um termo. Então, tirando toda a culpa do profissional e colocando na pessoa também. E muitas pessoas, vendo que a sua situação tava agravando, ainda na esperança de que se tomasse esse kit estaria se prevenindo, isso foi veiculado de uma forma criou um desespero, as pessoas mesmo procuravam, recorriam pra esse tal do kit. Mas a gente ia tentando combater, a gente conversava, orientava, mas tinha umas pessoas que acreditavam porque tava nas redes sociais, porque estava na TV ou, então, em algum lugar de veiculação. Então, aquilo pra eles funcionava. Foi uma luta bem difícil, sabe?! De enfrentar, porque não tinha o que fazer, não tinha como, se o governo que tava direcionando isso, sabe?! Então, isso foi um desastre, isso foi um desastre, assim como as mortes que, eu não tenho dúvida, que muitas mortes poderiam ser evitadas se tivesse essa responsabilidade de levar a sério os estudos científicos.

Alicia: *Então, seguindo no que tu falou sobre perdas, alguma pessoa das tuas relações faleceu por causa da covid? Se sim, tu poderia relatar um pouquinho mais sobre quem era essa pessoa e enfim...*

¹⁴ Sobre os usos políticos da cloroquina e do chamado “kit covid” na gestão do governo brasileiro sobre a pandemia da covid-19, e do conseqüente negacionismo científico, ver mais em: CAPONI, Sandra; BRZOSOWSKI, Fabiola; HELLMANN, Fernando; BITTENCOURT, Silvia. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. Revista Brasileira de Sociologia, Vol. 09, N°. 21, Jan-Abr/2021.

Typa: O meu avô materno, pela parte da minha mãe, a gente perdeu ele¹⁵. Pegou covid 2 vezes, mas ele não... A covid foi o que acabou agravando, que ele tinha um câncer. Então, a covid acabou, digamos, não dando chance pra ele tratar o câncer. E também o câncer tava já bem avançado, mas talvez pudesse ser tratado, mas a covid não deu chance nenhuma pra ele. Ele ficou resistente, muito forte ele. Ele sentiu muito, ele falava que ele nunca tinha sentido, nunca tinha ficado da forma que ele ficou. Então, a covid realmente, ela foi bem intensa, bem intensa mesmo. Ela maltratou e continua maltratando muitas pessoas. E meu avô, ele era uma pessoa muito ativa, ele não gostava de pegar transporte, ele preferia andar, ele caminhava bastante. E ele começou a emagrecer, ele era... Eu tenho 1,55, mas meu avô era bem alto, acho que tinha 1,80, minha avó que era pequeninha. Então ele era bem grandão, era forte. E com a covid ele emagreceu muito, mas também com, acredito que também, por causa do câncer. Então juntou e isso foi fatal pra ele. Ele foi internado, aí depois, ele teve uma parada, daí entubaram ele, aí depois eles resolveram desligar os aparelhos porque já não tava mais respondendo. Então foi também uma perda enorme, não só pra minha família, mas pra comunidade porque ele também era detentor de muitos saberes, ele não detinha conhecimento na área da saúde, mas ele detinha vários outros conhecimentos, inclusive a história dele era muito bonita, era uma coisa assim também que eu tinha vontade de escrever sobre. Ele perdeu os pais bem cedo e isso era muito comum, por falta de recursos mesmo. Às vezes, a pessoa pegava uma pneumonia e morria porque não tinha um antibiótico, não tinha acesso a medicamento. Então, naquela época, era meio que sorte você adoecer e não morrer. E ele foi criado por uma outra família e, assim, ele teve uma vida muito dura, ele contava... E aí ele passava isso pros netos, na comunidade, ele contava histórias... Todo o processo de como que era logo na chegada dos missionários, como que eles trataram, como que era perverso, muitas coisas... foi [interferência na conexão] fatos né... Ele fazia mesa, fazia vários outros artefatos que a gente utilizava no nosso dia a dia. Uma pessoa assim, digamos, de muita força de vontade. Ele era analfabeto, ele não sabia ler. Ele começou a estudar depois que se aposentou. Então ele tem uma história assim, muito rica. Ele também viajou bastante. Ele morou um tempo na Colômbia, onde tinha um irmão dele que morava. Então tinha essa troca até fora do país. Infelizmente, foi muito doído a perda dele. Eu lembro que a minha mãe me ligou, pra dizer que ele tinha já falecido e uma coisa que eu lembro muito do meu avô, que ele gostava de reunir a família, as pessoas da comunidade pra fazer mutirão. Mutirão a gente chama lá de *ajuri*. Então ele era uma daquelas pessoas que levava, que animava pra fazer as coisas. E era muito engraçado, muito brincalhão, sabe?! Ele pegava os netos no colo e começava a dançar, *arrodiava* na sala... Uma pessoa muito cuidadosa, que chegava contigo, quando era pra te dar carinho ele dava, quando era pra chamar atenção ou então pra... ele pegava e também te dava, então ele era

¹⁵ O avô de Typa se chamava Kaia, que para os Barés significa macaco. Ele faleceu aos 77 anos.

muito assim, muito um vozão mesmo, todo dia ele tava lá com a gente. Ele não morava com a gente, mas todo dia ele tava lá presente. Eu lembro dele, que uma vez eu vi ele na rua... Aí, na época, ele tava com uma namorada que ele tinha achado recém, ela era Piratapunha, parece. Aí ele todo alegre me encontrou, apresentou ela, falou pra ela que ia levar ela pra Roraima, onde tinha uma tia minha que morava também, falou que ia apresentar os Macuxi, que lá tem os Macuxi né?! E dava risada. Aí eu tento guardar essas lembranças dele, essas lembranças boas. Só fica aquela saudade que a gente sabe que nunca vai ser preenchida. Mas é isso... Eu acho que é muito difícil perder, principalmente os nossos guias, porque eles também são os nossos guias, são os que nos direcionam. E a nossa aprendizagem é muito no dia a dia. Tu não pega um livro e fala assim: "ah, agora nós vamos aprender sobre a língua, nós vamos ler". Não, o nosso é mais assim oral, é mais prática, porque a gente entende que a gente aprende e repassa os conhecimentos na prática, de tu ter alguém te orientando, é como se tivesse um professor te orientando, meio que isso. E talvez a gente perdeu esses nossos orientadores, a gente perdeu muitos. Teve comunidade que não sobrou. Então é uma perda irreparável em... Queria só fazer um ponto da questão da, que acabei lembrando agora, a questão da cloroquina... Que lá na região acabou faltando remédio pra malária, por causa desse tal do kit pra covid¹⁶. Então, foi uma catástrofe, uma catástrofe mesmo assim. Foi uma desumanidade sem tamanho que aconteceu aqui no nosso país¹⁷. Mas a gente espera que isso acabe logo, porque não foi fácil, não está sendo fácil. Mas a vacina tá aí pra nos salvar, digamos. E ainda com essas notícias... Tem alguns que não estão tomando a vacina que é muito ruim. A gente sabe que tem muitas doenças que foram erradicadas que estão voltando de novo, justamente por conta disso. E isso também é uma realidade das comunidades indígenas, a questão da resistência da vacina, porque o pastor, porque, sei lá, o padre talvez, não sei, orientou que ia modificar meu DNA, não sei da onde as pessoas tiram isso, coisas assim absurdas. Aí você vai falar pra um leigo, pra uma leiga, se uma pessoa que teve acesso à universidade, que teve acesso à informação já acredita, imagina quem não tem todos esses recursos... Então é difícil, é muito difícil, na realidade que a gente se encontra agora... Mas vamos esperar que melhore isso logo.

Manuela: *Bom, sinto muito pela tua perda. Mas com certeza essas memórias ficam. Muito bonito te ver falando do teu avô. Tenho certeza que foi uma pessoa incrível que deixou muitos ensinamentos. Mas seguindo o nosso roteiro... Tu comentou pra gente que fez esse movimento de ir pra Nonoai, depois foi visitar tua família lá no Amazonas e falou também que entrou em 2019 na UFRGS, então tu teve 1 ano ainda de universidade presencialmente... Então, eu queria saber como é que foi essa mudança de*

¹⁶ Ver em: Folha de São Paulo, 2022.

¹⁷ Estudos da área do direito vem discutindo o uso do conceito de genocídio, reconhecido como um crime internacional pelas Nações Unidas desde 1948, para definir ações governamentais tomadas durante a pandemia de Covid-19, especificamente em relação aos povos indígenas. Ver: (SOUZA, MOHR, MEI, SILVA, REIS, 2022) e (BRAGATO, ALMEIDA, KESTENBAUM, 2020).

rotina, ainda considerando uma estudante que agora tá morando na Casa do Estudante Indígena, mas que antes morava na Casa do Estudante com muitas outras pessoas, com dois filhos... Como foi também o ensino remoto, não sei como foi na Medicina... Se voltou antes... Como foram essas mudanças...

Typa: Sim... São coisas totalmente diferentes que a gente teve que se adaptar, a gente não tem muita escolha, a gente busca se adaptar, as coisas que mudam. Então, a rotina que eu tinha diariamente mudou e foram muitas dificuldades de acompanhar, principalmente, como eu tinha falado, de acompanhar as aulas remotamente. Por conta de equipamentos, por conta da própria internet. E a gente ia buscando meios de estar acompanhando as aulas, mas com muita dificuldade, mas é por conta do modelo também... Tu ter uma rotina onde tu tá com contato com os teus colegas, a gente tinha rotina de estudar junto, de formar grupo de estudo na casa do estudante. Aí depois você é obrigado a estudar sozinho e as aulas eram bem cansativas. Imagine só você ficar o dia inteiro olhando pra tela do computador, sentado, então era muito desgastante. E a gente tinha mais atividades ainda, o remoto tem essa questão de você facilitar a tua rotina de deslocar, daí economizava também no transporte, muitas vezes, a possibilidade de tu estudar junto da tua família, porém se torna, ao mesmo tempo, se torna uma metodologia muito cansativa porque tu tinha muitas atividades no Moodle, então você assistia uma aula com o professor, muitas vezes, tinha a opção de assistir depois, que era gravada a aula, porém tu tinha muitas atividades pra fazer depois no Moodle. Imagine só você com 7 disciplinas, dando conta de fazer muitas vezes atividades extras dessas disciplinas, então sobrecarregava. Acesso a livros também, você teve que se habituar a ler virtualmente pelo computador. Não é a mesma coisa pra quem tá habituado a pegar o livro, fisicamente, pra quem tá acostumado com isso, eu prefiro imprimir, ir riscando, marcando [gritos de crianças]¹⁸. Então eu estudava assim, então eu tive que me habituar a marcar lá no programzinho, mesmo assim, ainda me perdia, mas depois tu acaba... não tem o que fazer, você tem que fazer da forma que da pra fazer. A questão do computador também... No início eu dividia o computador, não tinha computador. Disponibilizaram um recurso pra comprar tablet mas era bem, era uma quantia bem menor, não tinha como você comprar. Então tudo isso dificultou essa transição. Lógico, que tem muitas coisas que foram boas mas, como falei, você teve que fazer muitas mudanças, não foi uma, duas mudanças, foram várias mudanças, várias adaptações. Isso, muitas

¹⁸ O ensino remoto emergencial foi implementado em diversas universidades públicas, privadas, institutos federais, e demais instituições educacionais brasileiras, a fim de manter as regras de distanciamento social para conter o avanço e contaminação do coronavírus durante a pandemia da covid-19, entre os anos de 2020 e 2022. As dificuldades enfrentadas por estudantes do ensino superior foram diversas, e entre elas, estavam: a carência de recursos eletrônicos e de conexão adequada à internet, assim como, o excesso de conteúdos e o agravamento em problemas de saúde mental. Sobre o assunto, ver como exemplo, o seguinte artigo científico que analisou quais foram as principais dificuldades enfrentadas por estudantes de graduação da Universidade Federal do Paraná durante a aplicação do ensino remoto emergencial: SILVA, R. F. da; ZAPSZALKA, F.; RAZZOLINI FILHO, E. Ensino remoto em tempos de pandemia: Uma análise das dificuldades enfrentadas pelos estudantes de graduação. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE*, [S. l.], v. 38, n. 00, 2022.

vezes, te deixava muito cansada, frustrada. Quando você tinha prova, a internet caía, nossa, é um terror! É diferente quando você tem um aparelho bom, uma internet boa. [...] Mas são coisas que deu uma mexida, principalmente na Medicina que eu vi. Os professores, eles eram muito assim de só prova, prova, prova porque eu não sou muito adepta de tu avaliar uma pessoa só através de prova. E eles começaram a fazer outras atividades, seminários, coisas diferentes, tipo um relatório... Então isso de alguma forma mudou, a forma de avaliação, participação também incluíram. [...] Mas foram vários acontecimentos que mudaram, algumas coisas melhoraram, outras coisas pioraram, mas sempre deixando que... pra gente que, eu que sou cotista... A relação de saúde das populações indígenas a gente sofreu muito, a gente teve que enfrentar várias dificuldades. Um dado disso é a questão da porcentagem de desistência dos alunos indígenas que chega a 80%, um número absurdo! Então, é bem, digamos que, é uma questão a se trabalhar mais, intermediar mais porque essa desistência já era alta e com a pandemia ela se agravou mais, aumentou mais¹⁹. E lógico, tem vários outros aspectos que vão contribuir pra isso... É a própria discriminação diária que a gente enfrenta, no dia a dia, subjulgamento, esteriótipos, isso dói, de conviver com essa discriminação, subjulgamento o tempo todo. Então, muitos dos nossos irmãos adoecem, não aguentam isso de ficar longe de casa e acabam desistindo. E também a estrutura e tudo mais, não tem. Questão da diversidade, de incluir a diversidade, mas não garantir que essa diversidade seja, de fato, a diversidade de tu garantir o acesso das populações indígenas. Não garantir que essas populações estejam dentro da universidade na sua integridade, podendo ter a livre forma de viver, como é a casa do estudante lá. A gente não podia viver da nossa forma, tinha muitas limitações que nos deixavam... Então você proporcionar o acesso, você tem que proporcionar o acesso integral, não parcialmente. Então, isso é uma questão pra gente estar trabalhando, estar reivindicando. Uma questão de permanência, a questão da casa do estudante indígena foi a mobilização durante a pandemia, porque realmente era uma urgência, a gente já tinha essa urgência antes da pandemia mas depois a gente se reuniu, a gente decidiu que a gente não podia mais esperar, que a gente tinha que lutar porque isso é uma garantia de permanência na universidade. Ter um lugar onde a gente se sente de fato um pouco próximo de casa, se sente à vontade, se sente acolhido, você não depara todo dia com olhares diferentes, pessoas colocando... Teve uma situação de colocar a banana na porta de uma colega nossa, de uma irmã Kaingang. Então essas coisas também adoecem a gente, o próprio ambiente. Um ambiente em que você não se sente acolhida, não se sente em casa, isso também te adoce. Então, a gente lutou pra que a gente tivesse um espaço digno, que a gente pudesse estar praticando um pouco da nossa cultura. Aqui a gente já pode ter um espaço que dá pra gente fazer um fogo, dá pra gente fazer algumas atividades da nossa cultura, onde a gente pode

¹⁹ Ver em: BBC, 2021.

receber os nossos *kunhas* que vem aqui e fazem um banho, que fazem... dessa forma vai tá com a gente. E isso faz diferença, faz muita diferença pra gente. Principalmente para as nossas irmãs que saem pela primeira vez da aldeia, ter essa experiência de morar na zona urbana, eu não diria que é um choque cultural, que é atribuído, mas é totalmente fora do ambiente. Essa questão do individualismo, querendo ou não a gente é empurrado pra ser individual, pra cultivar essa forma do individualismo, porque o próprio sistema nos empurra pra isso. Uma vez eu falei pro professor, que aqui a gente vê que, ao contrário de alguns princípios que a gente recebe na aldeia, que nem lá na minha aldeia, a gente tinha uma roça só de mandioca e tinha uma roça também só de frutas, quando a visita chegava, alguém chegava, a gente colhia os melhores mamões, as melhores batatas e oferecia pra essas pessoas, pra comer e pra levar. Aí eu lembro que a minha mãe falava bem assim: "essa batata tá muito feia, essa fica pra gente. As bonitas a gente vai dar". Aí, eu falei assim: "aqui a gente faz o contrário, a gente escolhe as melhores coisas pra gente e dá o que não serve mais, que a gente não vai usar mais". Então, é uma coisa assim, é o inverso, sabe?! E isso te adoce também. De tu ter uma comida e saber que tu não pode dividir com o teu irmão porque se tu dividir vai faltar amanhã, isso é muito triste, ser trancar pra comer. Às vezes, você não tem o que fazer porque você não tem, porque se você dar amanhã, você que vai ficar sem comer. Então, são situações que estão totalmente fora do nosso padrão. E, às vezes, a gente é realmente obrigado a ser individualista. E isso traz sofrimento. E aqui na casa a gente tá vendo um método da gente estar sempre se reunindo coletivamente, tá trocando. Ainda mais, a gente sabe que é difícil, porque o sistema, muitas vezes, não dá essa abertura, mas a gente cria meios pra tá indo contra o sistema. Acho que é isso...

ENTREVISTA DO DIA 30/05/2022

Alicia: *Então, agora a gente vai retomar algumas perguntas que ficaram da outra entrevista como, por exemplo, a questão das perdas. Que outras perdas a pandemia trouxe para você? Que experiências você acha que a pandemia lhe impediu de viver? Que planos foram frustrados, nesse sentido? Na questão de perdas, por exemplo.*

Typa: Uma das coisas que eu citei antes, foi a questão da coletividade, da partilha. Então, nas comunidades isso foi bem difícil porque o convívio ele não é isolado, ele é compartilhado com os mais velhos, entre as crianças. Tanto que, um ponto assim que sempre a gente coloca na universidade, é a questão da inclusão, de colocar cada um na sua caixinha, sabe?! Tipo idoso, adulto, tem asilo, para gente isso não tem conexão com a nossa tradição. Porque a gente entende que não tem como separar a criança de um convívio, a gente não consegue separar coisas por caixinhas, ou

faixa etária, ou então se tem alguma doença. Isso é partilhado, é um convívio com todos, sabe?! Se tem uma pessoa, vou dar o exemplo de uma criança, se tem uma criança, não é obrigação da mãe, claro que é dela e do pai, da família, mas a gente entende que é um cuidado, da responsabilidade da comunidade também que se responsabiliza por aquela criança. E na sociedade a gente vê que a mulher quando ela tem um filho, se restringe só a ela os cuidados com a criança, é só dela a responsabilidade. A gente não tem nenhuma política que ampare as mulheres para estudar, para trabalhar. Então, isso pra gente foi muito difícil, essa separação, sabe?! De não poder viajar, de não poder tá partilhando as vivências. Isso também adoeceu muito a gente, várias outras também, mas essa eu acredito que foi um fator assim mais relevante, porque a gente teve que se reinventar digamos assim, como sempre a gente costuma estar se reinventando, principalmente na área urbana. Acho que é isso.

Manuela: *Certo. E sobre as vacinas, como foi essa experiência para ti, para tua família, para tua comunidade? Vocês tomaram todas as doses? Pretendem continuar se vacinando? Como é que foi? Os povos indígenas foram os primeiros né, tiveram prioridade quando a vacina chegou, como é que foi a chegada da vacina para vocês?*

Typa: Na minha comunidade ela foi bem aceita, os meus pais eles tomaram a primeira e a segunda dose, inclusive a de reforço e eu também. E quando liberaram para as crianças, tomaram a primeira dose, só está pendente a segunda, porque eles pegaram a covid e não puderam fazer a segunda. Tem até que levar eles para fazer a segunda dose. Foi bem aceito, só que a gente teve aquela questão, sabe?! Eu não sou contra nenhuma religião, eu respeito todas e as quais eu tive oportunidade de conhecer, eu conheci. Só que a questão da religião é uma situação delicada de se tratar, porque é uma crença que vai, se insere dentro das comunidades e muda totalmente a rotina, muda tudo, baseado naquela crença, porque são várias religiões né. Então, isso tem uma grande influência nas comunidades e principalmente as religiões evangélicas. Tinha umas que os líderes religiosos eram anti-vacinas, então aconteceu em várias aldeias de ter essa resistência da vacina, e isso é muito triste porque a gente via que, por conta disso, houve muitas complicações e perdas desnecessárias, por conta do negacionismo. Então, isso é uma situação bem séria que acontece, não só na pandemia, mas na pandemia a gente viu que isso ficou mais gritante, sabe!? Mas o poder que essas religiões têm quando elas adentram a comunidade e acabam influenciando em tudo, na questão da cultura, não só na questão da adesão à vacina, mas outras situações que a gente vai se perdendo. Não se perdendo a gente vai se reinventando, mas tem muitos que realmente abandonam, porque o líder falou que não pode, porque é pecado, porque é isso, porque é aquilo... Então é uma questão, assim, bem delicada porque, infelizmente, a gente viveu isso no Brasil. Toda essa questão do negacionismo é um dos fatores que a gente teve um número absurdo de morte né. Então, não foi diferente nas

comunidades, já pela precariedade que tem no acesso da saúde, a questão das vacinas, a questão de logística foi muito complicada para chegar nas comunidades. E quando chegou, em algumas comunidades aconteceu essas situações da comunidade não... ser contra as vacinas. Mas assim, a gente vem conversando com os familiares, vem incentivando, sabe?! Explicando para eles que a vacina é segura e salva muitas vidas. Então, é muito comum uma pessoa chegar na comunidade e perguntar se realmente a vacina é eficaz, infelizmente.

Alicia: *Seguindo então nessa questão da vacina e no uso da máscara, como é que foi essa experiência de começar a usar máscara por causa da contaminação e o que você pensa sobre a flexibilização do uso da máscara, que agora é mais recorrente no momento que a gente tá conversando. E como foi esse processo para você e para as pessoas perto de você?*

Typa: É uma prática totalmente diferente, nunca vivenciada, eu acredito que até pela sociedade em geral, a gente não pegou uma pandemia assim. Então, a gente teve que utilizar e a questão maior não foi nem a questão de usar a máscara, mas sim de ter a acessibilidade destes materiais chegando na comunidade. Então, foi formada uma rede dentro da comunidade mesmo, pessoas que costuravam foram confeccionando as máscaras. Teve mobilização para pedir a doação de máscaras e ia distribuindo nas comunidades. E aos poucos as pessoas iam entendendo que era necessário utilizar a máscara, mas de início foi bem difícil a adesão, até mesmo de entender porque era necessário utilizar a máscara. Mas depois, foi se aderindo e é uma situação igual também a da vacina, tinha umas pessoas que não aderiram e a gente não tem o que fazer. Quando a gente vê uma pessoa sem máscara a gente fica aflito, mas não tem o que fazer, infelizmente, a gente fica impotente. A gente conversa, a gente fala que é preciso, que é necessário. Eu vi que quando eu conversava assim eles aceitavam bem. Só que eles falavam que era muito incômodo, porque dependendo da região, por exemplo, lá no Amazonas, era muito quente, então era insuportável ficar 24 horas com a máscara, quando tá trabalhando com muitas pessoas. Então, foi uma situação bem sofrida mesmo, que tu teve que se adaptar e, muitas vezes, era bem desconfortável, bem desconfortável. Qual que era a outra pergunta?

Alicia: *Sobre a flexibilização do uso da máscara, depois que os casos diminuíram e tal, o que você pensa sobre?*

Typa: Sim, ajudou bastante, a gente viu que as comunidades aderiram, a gente viu que os casos eram controlados. E em comunidades que não utilizavam máscara a gente via que a contaminação era muito alta, então a máscara foi bem importante na pandemia. Eu acho que esse descuido fez com que o vírus se expandisse mais, com muita rapidez. Tanto é que as pessoas começaram a utilizar

depois que praticamente uma comunidade toda já estava contaminada. Porque, como eu falei antes né, que eles achavam que era uma virose que tava dando, a virose já era, no entanto, o coronavírus.

Manuela: *Certo. Consegue perceber os impactos econômicos que aconteceram na tua vida, e na tua comunidade, enfim, por causa da pandemia?*

Typa: Desculpa, eu não entendi direito.

Manuela: *Se tiveram impactos econômicos na tua vida e das pessoas ao teu redor?*

Typa: Sim, muitos. Acho que assim, mexeu em toda uma cadeia produtiva, sabe?! Com tudo isso que parou né, a economia de modo geral, também parou nas comunidades. Pessoas começaram a adoecer e não produziam mais. Teve gente que perdeu um trabalho de anos, porque a gente trabalha assim, sabe, a gente trabalha por ano, por estações. Se você perde a colheita, se você perde o processo que tem que ser feito, perde a produção toda do ano. Então, as pessoas que ficaram doentes não puderam mais ir pra roça, porque o nosso trabalho... por isso que, às vezes, eu fico inquieta quando falam que a gente é preguiçoso né, nossa eu fico inquieta, porque isso não é verdade. Um dos exemplos que eu sei que eu tenho é o meu pai. O meu pai ele trabalhava na roça de dia e a noite ele ia pescar, muitas das vezes, até hoje, ele faz isso e ele já tá com 59, quase com 60. Então, é uma carga bem puxada de fazer isso para manter a gente na escola, porque a gente teve que ir para a cidade para poder estudar. Então, a gente teve essa questão das pessoas adoecerem, não poderem mais cuidar da sua roça, da sua plantação, abandonaram né. E com isso, teve pessoas que passaram muita necessidade sabe assim, por falta de comida básica. E ainda que foi feito uma mobilização para cestas, mas mesmo assim foi muito grande o impacto. Porque lá na minha comunidade a distância é grande sabe para tu ir... tu trabalha na comunidade, tu planta, tu faz a farinha, que lá na minha comunidade a subsistência é mais de farinha de mandioca, então você faz a farinha e ela é bastante consumida lá na região e vai vender na cidade. Leva fruta, leva peixe, leva outras coisas. Então, teve uma quebra disso, assim sabe, pelo adoecimento mesmo e pela pouca movimentação econômica também. E aqui no Sul logo que começou, em Nonoai, a questão do transporte era muito caro também, as coisas foram começando a ficar muito caras. Então, você pagava o transporte para ir para o município mais próximo, para pegar a cesta, eu lembro que quando a gente tinha que ir, só para ir era 50 pila [reais]. Então, isso pesou nessa questão da... Ao mesmo tempo, muitas pessoas pararam de trabalhar e, ao mesmo tempo, aumentou muito a cesta básica, então isso impactou de uma forma muito grande a cadeia alimentar, principalmente. Eu acho que é isso.

Alicia: *Ligando também com essa questão econômica, como você avalia a atuação das autoridades, seja em nível federal, estadual ou municipal, em relação à pandemia e, sobretudo, em relação à pandemia com as comunidades?*

Typa: A gente vê que tem muito descaso, sabe?! A gente vê que tem políticas que são discutidas, mas não chegam nas comunidades. E a gente viu que no governo atual foi um descaso, mais do que já era. A gente viu o superfaturamento, a gente viu medicamentos, utensílios, sendo vencidos, sabe?! A gente viu negligência na questão de compra de cloroquina para distribuir, então as comunidades foram um dos [lugares] que foi destinado a questão desse “tratamento precoce” que chamam. E até hoje, até agora, tem essa questão de tá disponibilizando medicamentos que não tem nenhum estudo científico, que a gente vê que não tem respaldo para estar utilizando, mas continua sendo utilizado. Então a gente vê que hoje a saúde ela tá diretamente ligada ao governo federal, só que acontece né, tem aquelas entidades filantrópicas, a maioria delas são gerenciadas por associações de cunho evangélico, digamos, pessoas da igreja que montam uma associação e eles que são responsáveis por executar o orçamento da saúde. Então, é um monopólio assim disso, eles contratam, eles fazem essa logística toda. E além de ter toda a burocracia de contratação para liberar o orçamento para a compra de utensílios, de material, é uma coisa demorosa, sabe?! [...] Então esse é um problema que o Brasil, o Brasil todo sabe, enfrenta a questão da corrupção né. Mas eu acredito que um dos principais fatores que impactam é a questão da corrupção, além de que tem uma logística muito grande, isso porque não é levado em conta as especificidades de cada povo. Então, é uma política que é destinada para uma população, sendo que não respeita as suas especificidades, porque no Brasil tem políticas que não atendem à demanda de um determinado povo. A demanda do povo Kaingang aqui no Sul não é a mesma demanda dos Yanomami que estão lá em Roraima, sabe?! Então, são políticas diferentes, são questões que tem que ser levadas, a questão da regionalidade, mas isso é tão pouco discutido, tão pouco assim... A gente vê que há, até intencional, essa questão de não ter dados nenhum, de tudo ter se defasado, isso a gente acredita que seja um projeto porque nunca melhora, só piora. Hoje a gente vê que não tem dados específicos da pandemia, a APIB [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil] cobrou isso da Secretaria de Saúde Indígena e ela não tem esses dados. Não é porque ela não passa, é porque ela não tem esses dados precisos! [...] E, infelizmente isso, a pandemia, ela foi intensificada, a questão da negligência, da omissão, ela foi mais ainda, mais do que já era, e é uma coisa que a gente sentiu, tanto as pessoas da comunidade aqui do sul como do norte sentiram isso. A questão do abandono mesmo, de você tá entregue à sua própria sorte para tentar passar por uma pandemia, foi o que aconteceu nas comunidades mais distantes. Então foi isso que aconteceu, a gente vive tentando fazer uma resistência e buscando que assegure o mínimo de saúde para as comunidades. A gente vai para a denúncia, a gente vai, mas a gente sabe que,

muitas das vezes, isso não tem um retorno grande, sabe?! Então, precisava de mais pessoas assim denunciando, fiscalizando, para que a saúde de fato funcionasse nas comunidades.

Manuela: *A gente tem mais uma pergunta do roteiro, mas eu queria pedir para ti relatar um pouquinho sobre a retomada e a reivindicação que vocês fizeram e que depois foi acolhida, foi conquistada na verdade né, da Casa do Estudante Indígena. Que tu contasse pra gente quando aconteceu, como é que foi isso, pra gente ter registrado isso, que também aconteceu durante a pandemia.*

Typa: Então a nossa luta é uma luta que continua desde 1500, desde quando os europeus chegaram aqui no Brasil que a gente continua em luta. Então, a questão de fazer uma retomada ali no prédio onde era a antiga SMIC [Secretaria Municipal de Indústria e Comércio], a maior motivação, foi a questão de não ter uma casa de estudante específica para os alunos indígenas, sendo que é uma reivindicação que tava sendo pautada há mais de dez anos, desde que começou o primeiro vestibular na UFRGS. Então a gente sempre foi enrolado, sabe, sempre falavam que iam montar um GT [grupo de estudos], que iam discutir, que não era viável. Então, sempre tinha esse impasse de realmente eles acatarem, sabe, um projeto de implementação de uma casa de estudante²⁰. E essa luta ela veio assim, a partir de várias experiências, principalmente, de alunas mães indígenas que tiveram que ficar longe dos filhos, tiveram que deixar na comunidade para poder estudar e não era aceito criança, não é aceito criança na CEU, aqui na Casa do Estudante. Muitas mães, quando precisavam, escondiam seus filhos nos quartos, tendo uma convivência como numa prisão. Muito angustiante, né?! Pedir para o seu filho não fazer barulho, pedir para o seu filho não chorar. Relatos de mães que davam banho nos filhos de madrugada para não incomodar os outros moradores e relatos, principalmente, de racismo. Inclusive, em um dos dias do ato a gente teve uma colega, a Paula, ela sofreu racismo. Um morador, até hoje não identificado, pendurou uma penca de banana na porta dela. Fora outras situações... A questão de tá estereotipando a questão indígena, sabe?! Então, isso era muito doído assim, de não poder ter nosso, de não ter como a gente se sentir em casa. A gente tava inserido num espaço que propiciava muita angústia. O racismo, o preconceito sofrido no dia a dia. Então, isso tudo fez com que a gente se mobilizasse. A gente fez uma reunião e a gente queria esperar um pouquinho, mas a gente falou que era uma necessidade que era para ontem né, que não tinha mais como adiar. E aí a gente se juntou e resolveu fazer toda essa mobilização e foi sofrido, e realmente assim, foi muito... Foi uma mobilização que a gente não queria mais uma resposta, a gente não queria mais receber um GT, a gente queria uma coisa concreta, sabe?! Então foi sofrido, a gente enfrentou polícia, a gente enfrentou vários órgãos assim, mas a gente conseguiu, mas foi um ganho, eu digo para a universidade, para a sociedade. Porque eu sempre levo que a cultura indígena, ela

²⁰ Ver em: *Jornal da Universidade - UFRGS*, 2022.

tem muito a acrescentar, uma das culturas que ajuda a formar a população, a sociedade brasileira, foi a indígena. Então, a gente vê sempre invisibilizado isso, a gente vê que falta muito para chegar, para se discutir a questão indígena, a importância da cultura dentro universidade, dentro da educação. E hoje a gente tem esse espaço que é promissor, e a gente vai fazer com que o espaço seja mais do que uma Casa do Estudante, a gente vai fazer com que realmente seja um centro cultural onde a sociedade, a população, os acadêmicos podem também usufruir. Tanto que o InterPet [Programa de Educação Tutorial] de julho vai ser lá na Casa do Estudante, o primeiro InterPet presencial vai ser lá, a gente tá organizando para receber o InterPet lá. Então, a mobilização indígena ela é uma das que a gente percebe que, pra gente conseguir, tem que ser assim né, tem que ser radical. Radical na questão de que tem que ir lá, tem que ocupar, tem que tomar chuva, tem que apanhar, muitas das vezes, quando a gente vê os nossos líderes lá em Brasília, muitas vezes, eles são agredidos, muitos perderam suas vidas, mas, infelizmente, isso é um processo que a gente tem que passar para poder garantir uma coisa básica que a gente reivindica. [...] Eu acho que é isso assim, mais isso sabe, fazendo assim um resumo né. A Casa vai ser um espaço cultural, onde a gente vai poder fazer uma fogueira, vai poder receber nossas lideranças espirituais, a gente vai poder viver um pouco o que a gente vive dentro da comunidade, uma coisa que a gente era privado quando a gente tava na Casa do Estudante, onde a gente vivia só no quarto, não tinha essa partilha entre os alunos. Eu acho que é isso.

Alicia: *Então, a gente tá finalizando, tem mais uma questão que seria sobre o futuro. Quais são as suas expectativas em relação ao futuro, nesse pós-pandemia?*

Typa: Depois dessa pandemia, a gente trabalha, nós trabalhamos para que, de fato, a gente tenha uma saúde diferenciada, a gente quebre essa questão de estereótipo, que é muito enraizado dentro da sociedade, que ocupando esses espaços, principalmente na universidade, a gente leve junto com a gente a nossa cultura, a nossa luta e a nossa verdadeira história, até porque a gente não tem ela, a gente não tem ela escrita nos livros de história, a gente basicamente não existe né. Em todo processo, da construção, em alguns livros que eu tive acesso, eu li que os povos indígenas foram um dos que ajudaram a demarcar o território nacional, e isso a gente não vê nos livros. Então, realmente, a gente quer escrever a nossa história, a gente não quer só ser citado que a gente tava, que os nossos antepassados estavam na beira do mar quando Pedro Álvares chegou. Então, a gente não quer ser... A gente quer realmente contar a nossa história, a gente quer, nós mesmos assim, dizer quem somos e o que temos para contribuir com a sociedade. E depois da pandemia, a gente mostrou que a gente, apesar de toda a negligência, de toda a omissão, a gente se saiu bem dessa pandemia, com muitas perdas, principalmente dos nossos mais velhos que são os nossos guias, mas a gente continua a luta, a gente continua em busca de um mundo melhor não só para nós, mas para a sociedade como um

todo né. E uma questão agora, que talvez esteja sendo discutida, a questão das mudanças climáticas que também a gente já sente na pele isso nas comunidades. Então, a gente sempre tá em luta, buscando alternativas para que assegure a nossa sobrevivência, das nossas tradições e a gente deixa a mensagem que a partir das nossas vivências a gente pode colaborar, a gente pode colaborar com melhoria do bem viver, que a gente pleiteia do bem viver, sabe?! Para a humanidade! Essa questão da conexão com a natureza que a gente tem, que é muito forte. Então, a gente tenta levar isso, onde a gente tem possibilidade de estar acessando, conversando. Eu acho que é isso!

Manuela: *Então antes de finalizar eu quero te perguntar se tu mantém as autorizações que a gente conversou lá no começo do outro dia. Se tem alguma restrição quanto a divulgação dessa entrevista, se tu tem alguma questão com isso ou se a gente pode divulgar logo em seguida?*

Typa: Pode sim. Acho que é importante a gente estar falando mais da temática indígena que é um tema muito atual, é um tema que a gente leva que, muitas vezes, é relevante para a sociedade né. A questão que vai tratar agora do InterPet, que eu citei né, a questão da mulher dentro da universidade, especificamente, falando da mulher indígena mãe. A gente quer discutir isso com a sociedade, quer levar que, a universidade, ela pode ser vivida junto com a maternidade, ou então, com outra experiência né. A gente tenta quebrar com esse modelo que a gente tem né, que quando a pessoa é mãe é menos produtiva, ou é um empecilho, não! A gente entende que isso não cabe, não é verdade. Desde que essa maternidade seja uma responsabilidade não só da mulher, mas da sociedade como um todo e, mais do que isso, dê estrutura para essa mulher estudar, trabalhar. Eu acho que a gente tem muito ainda o que construir, mas a gente vai dialogando, vai somando. Acho que é isso!

Manuela: *É isso aí então. A gente agradece muito, foi um prazer te conhecer e te ouvir. Tenho certeza que a tua entrevista agrega imensamente ao nosso acervo, e é isso. Muito obrigada, qualquer coisa a gente conversa.*

Typa: Eu que agradeço, eu agradeço sim pela oportunidade de estar falando um pouquinho da nossa cultura. E pode divulgar sim, que a gente tem que falar né, tem que falar mais sobre isso, tem que debater mais, eu acho importante estar divulgando!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

BEATRIZ, Rebeca. Após morte do último índio Juma, lideranças associam Covid-19 com 'extermínio' de povos indígenas. *G1 AM*, 18 fev. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/02/18/apos-morte-do-ultimo-indio-juma->

[liderancas-associam-covid-19-com-extermínio-de-povos-indigenas.ghtml](#) >. Acesso em: 15 set. 2023.

BRAGATO, Fernanda F.; ALMEIDA, Marco A. D. de; KESTENBAUM, Jocelyn G. Povos Indígenas, Genocídio e Pandemia no Brasil. Niterói/RJ: *Revista Culturas Jurídicas*, Vol. 7, Núm. 17, mai./ago., 2020.

BRUM, Eliane. O coronavírus e o presidente de extrema direita do Brasil, Jair Bolsonaro, estão colocando em risco a sobrevivência dos povos indígenas e o futuro da próxima geração humana. *The New York Times*, 02 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/pt/2021/04/02/espanol/opinion/povo-juma-amazonia.html> >. Acesso em: 15 set. 2023.

CAPONI, Sandra; BRZOZOWSKI, Fabiola; HELLMANN, Fernando; BITTENCOURT, Sílvia. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. *Revista Brasileira de Sociologia*, Vol. 09, Nº. 21, Jan-Abr/2021.

Centro de Humanidades Digitais (IFCH - Unicamp). Coronarquivo. Disponível em: < <https://chd.ifch.unicamp.br/node/9> > Acesso em: 15 set. 2023.

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB). A devastadora e irreparável morte de Aruká Juma. Manaus, Amazonas, 17 de fevereiro de 2021. Disponível em: < <https://coiab.org.br/conteudo/a-devastadora-e-irrepar%C3%A1vel-morte-de-aruk%C3%A1-juma--1613590804505x760394878447255600> >. Acesso em: 15 set. 2023.

FRISCH, Michael. *A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*. New York: State University of New York Press, 1990.

G1 SP. Mortes e casos conhecidos de coronavírus no Brasil e nos estados. 2023. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 15/09/2023.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. O último ancião Juma morre de covid-19 e leva para o túmulo a memória de um povo aniquilado no Brasil. *El País*, São Paulo, 19 fev. 2021. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-19/o-ultimo-anciao-juma-morre-de-covid-19-e-leva-para-o-tumulo-a-memoria-de-um-povo-aniquilado-no-brasil.html> >. Acesso em: 15 set. 2023.

GRAGNANI, Juliana. 'Governo não cuidou, e agora temos que manter legado', diz neto de último indígena Juma morto por covid-19. *BBC News Brasil*, Londres, 21 fevereiro 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56132019> >. Acesso em: 15 set. 2023.

LE MOS, Vinícius. A luta dos universitários indígenas para não desistir das aulas em ensino remoto nas aldeias durante a pandemia. *BBC News Brasil*, São Paulo, 20 de fevereiro de 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/56089308> >. Acesso em: 15 set. 2023.

PASUCH, Letícia; MARTINI, Cecília Malta. Moradia destinada a estudantes indígenas garante espaço de sociabilidade tradicional. *Jornal da Universidade - UFRGS*. Porto Alegre, 13 de junho de 2022. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/jornal/moradia-destinada-a-estudantes-indigenas-garante-espaco-de-sociabilidade-tradicional/> >. Acesso em: 15 set. 2023.

PEREIRA, Bruno C.; VAZ, Vania (org.). História e historiadores em tempos de pandemia. *Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, v. 20 n. 2, 2021.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SASSINE, Vinícius. Indígenas ficam sem cloroquina para malária após Saúde desviar uso para Covid. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 ago. 2022. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/08/indigenas-ficam-sem-cloroquina-para-malaria-apos-saude-desviar-uso-para-covid.shtml> >. Acesso em: 15 set. 2023.

SCOPEL, Daniel; NEVES, DIAS-SCOPEL, Raquel; NEVES, Rita De Cássia Maria; SEGATA, Jean. Os povos indígenas e a covid-19. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, mai./ago., 2021.

SILVA, R. F. da; ZAPSZALKA, F.; RAZZOLINI FILHO, E. Ensino remoto em tempos de pandemia: Uma análise das dificuldades enfrentadas pelos estudantes de graduação. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE*, [S. l.], v. 38, n. 00, 2022.

SOUZA, Álvaro Huber de; MOHR, João Gabriel; MEI, Maria Carolina Thomaz Marquesone; SILVA, Matheus Marquelez da; REIS, Tamyres Deus. Genocídio Indígena no Brasil e a Pandemia de Covid-19: *Relação com o Direito Internacional*. *Revista Avant*. Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 200-219, dezembro, 2022.

The International Federation for Public History. Mapping Public History Projects about COVID 19. Disponível em: < <https://ifph.hypotheses.org/3225> >. Acesso em: 15 set. 2023.